

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS- UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAGED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GABRIELA ARAGÃO DE SOUSA

**ANÁLISES DE OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS A LITERATURA INFANTIL:
PRODUÇÃO DE NARRATIVAS IMAGÉTICAS SOBRE NATUREZA E SOCIEDADE**

MANAUS
2025

GABRIELA ARAGÃO DE SOUZA

**ANÁLISES DE OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS A LITERATURA INFANTIL:
PRODUÇÃO DE NARRATIVAS IMAGÉTICAS SOBRE NATUREZA E SOCIEDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Rozane Alonso Alves

**MANAUS
2025**

GABRIELA ARAGÃO DE SOUZA

**ANÁLISES DE OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS A LITERATURA INFANTIL:
PRODUÇÃO DE NARRATIVAS IMAGÉTICAS SOBRE NATUREZA E SOCIEDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 04/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rozane Alonso Alves
Orientadora

Profa. Mestra Gracineide Carvalho de Oliveira
Membro

Profa. Mestra Nayara de Souza Costa
Membro

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ser minha luz e fortaleza em todos os momentos, conduzindo-me com fé e esperança nesta jornada de aprendizado e superação. À minha filha Elysa Fernanda, que é minha maior inspiração e motivo de cada conquista. Que este trabalho simbolize o poder dos sonhos, da educação e do amor que move cada passo em direção ao futuro.

Dedico também à minha mãe, que sempre acreditou em mim e me ensinou o valor da perseverança, e aos meus irmãos, Anne, Manu e Gabriel, pelo carinho e apoio incondicionais.

Esta conquista é de todos que caminharam comigo, com amor, paciência e fé, iluminando o meu percurso acadêmico e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela presença constante em minha vida, por me conceder força, sabedoria e serenidade para superar cada desafio ao longo desta jornada acadêmica. À minha mãe, pelo amor incondicional, incentivo e por acreditar em mim mesmo nos momentos em que eu duvidava da minha própria capacidade. Aos meus irmãos, Anne, Manu e Gabriel, por estarem sempre ao meu lado, oferecendo apoio, carinho e compreensão.

Aos meus padrinhos, Marta, Rômulo e Alcicleia, que, com palavras e gestos de carinho, contribuíram de forma significativa para que eu chegasse até aqui.

À minha orientadora, professora Rozane Alonso, pela dedicação, paciência e valiosa orientação durante todo o desenvolvimento deste trabalho, guiando-me com sabedoria e sensibilidade.

Aos meus colegas de sala, Maria Gabriela, Natacha, Syangue, Roberto, Rakel, Maria Fernanda e Ingrid, pela amizade, companheirismo e apoio durante o percurso acadêmico, que tornaram essa caminhada mais leve e enriquecedora.

Aos meus amigos da Igreja, Ronan, Vicente, Rocicleide, Charlysson, Rafaela, Clarice, Jana, Maria Desterro, Maria Dosantos, Poliana e Maria de Jesus, pela força espiritual, orações e incentivo constante.

E, de modo muito especial, à minha filha Elysa Fernanda, razão maior da minha vida e da minha dedicação. Que este trabalho sirva como exemplo de perseverança e amor, mostrando que os sonhos são possíveis quando acreditamos e lutamos por eles.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, deixo o meu mais profundo e sincero agradecimento.

ANÁLISES DE OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS A LITERATURA INFANTIL: Produção de narrativas imagéticas sobre natureza e sociedade

Gabriela Aragão de Sousa
Rozane Alonso Alves

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a presença e as potencialidades de livros de literatura infantil que abordam as relações entre natureza e sociedade em escolas municipais de Educação Infantil de Manaus, para crianças de 4 e 5 anos. Como objetivos específicos, propôs-se: identificar os livros literários utilizados nessa etapa que tratam dessa temática; analisar como as narrativas textuais e imagéticas presentes nessas obras atuam na valorização da cultura regional e na produção de identidades infantis amazônicas; e desenvolver um protocolo avaliativo para seleção de obras literárias que articulem essas dimensões de forma ética e decolonial. A investigação, de natureza qualitativa, fundamentou-se na análise de obras representativas do acervo de três escolas municipais - "A Onça" (Daniel Munduruku), "O Canto do Uirapuru" (Tiago Hakiy), "A Lenda da Vitória-Régia" (Ana Maria Machado), "Histórias de Bichos da Amazônia" e "Os Animais do Meu Quintal" (Ana Maria Souza Peixoto) - articulando referências dos Estudos Culturais, da Decolonialidade e da pedagogia pós-crítica. Os resultados alcançados demonstraram que as obras analisadas funcionam como potentes artefatos culturais que, através da simbiose entre texto e imagem, veiculam cosmovisões amazônicas que integram seres humanos, fauna e flora em sistemas de interdependência. A análise revelou como as narrativas e ilustrações: (a) promovem o autorreconhecimento identitário; (b) transmitem valores de preservação ambiental; e (c) oferecem alternativas epistemológicas às visões antropocêntricas predominantes. Como produto, foi elaborado um protocolo avaliativo crítico para orientar educadores na seleção de obras literárias que contemplem a complexidade amazônica. A pesquisa vincula-se ao Projeto de Iniciação à Pesquisa desenvolvido entre 2024 e 2025 ao aprofundar a investigação sobre produção de narrativas imagéticas na Educação Infantil, expandindo a análise para o eixo "Natureza e Sociedade" e consolidando a proposta de criação de instrumentos avaliativos para literatura infantil amazônica, conformando assim uma continuidade natural dos estudos iniciados no referido projeto.

Palavras-chave: Literatura infantil; Educação infantil; Natureza e sociedade; Identidade cultural; Amazônia.

Abstract: This research had as its overall objective to analyze the presence and potential of children's literature books that address the relationships between nature and society in municipal Early Childhood Education schools in Manaus, for children aged 4 and 5. The specific objectives were: to identify the literary books used at this stage that deal with this theme; to analyze how the textual and imagery narratives present in these works contribute to the appreciation of regional culture and the production of Amazonian children's identities; and to develop an evaluative protocol for selecting literary works that articulate these dimensions in an ethical and decolonial manner. The investigation, of a qualitative nature, was based on the analysis of representative works from the collections of three municipal schools - "A Onça" (Daniel Munduruku), "O Canto do Uirapuru" (Tiago Hakiy), "A Lenda da Vitória-Régia" (Ana Maria Machado), "Histórias de Bichos da Amazônia" and "Os Animais do Meu Quintal" (Ana Maria Souza Peixoto) - articulating references from Cultural Studies, Decoloniality, and post-critical pedagogy. The results achieved demonstrated that the analyzed works function as powerful cultural artifacts that, through the symbiosis of text and image, convey Amazonian

worldviews that integrate humans, fauna, and flora into systems of interdependence. The analysis revealed how the narratives and illustrations: (a) promote identity self-recognition; (b) transmit environmental preservation values; and (c) offer epistemological alternatives to predominant anthropocentric views. As a product, a critical evaluative protocol was developed to guide educators in selecting literary works that contemplate Amazonian complexity. The research is linked to the Research Initiation Project developed between 2024 and 2025 by deepening the investigation into the production of imagery narratives in Early Childhood Education, expanding the analysis to the "Nature and Society" axis, and consolidating the proposal for creating evaluative instruments for Amazonian children's literature, thus forming a natural continuation of the studies initiated in the aforementioned project.

Keywords: Children's Literature, Early Childhood Education, Nature and Society, Cultural Identity, Amazonia.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil configura-se como um poderoso instrumento no processo de formação humana, capaz de transcender a mera função lúdica para assumir um papel social, político e cultural de extrema relevância. Na Educação Infantil, especificamente, as narrativas literárias oferecem às crianças não apenas um repertório linguístico e imaginativo, mas também um repertório de mundo – um conjunto de referências que lhes permite interpretar, questionar e se situar criticamente no tecido social e ambiental.

Nesse contexto, as obras que articulam as relações entre natureza e sociedade ganham especial destaque, pois possibilitam uma reflexão fundante sobre a interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente, tema de urgência inquestionável no cenário contemporâneo, e em particular, na Amazônia

Isto posto, esta pesquisa volta-se para a análise de obras literárias infantis que tematizam essa complexa relação, com foco na produção de narrativas imagéticas sobre natureza e sociedade. Partimos do pressuposto de que os livros infantis, por meio da simbiose entre texto e ilustração, são artefatos culturais que veiculam visões de mundo, valores e modos de ser. No contexto amazônico, onde a biodiversidade e a sociodiversidade são eixos centrais da existência, a literatura regional pode funcionar como um espelho identitário para as crianças, permitindo-lhes reconhecer e valorizar a cultura, a fauna e a flora que constituem seu *habitat*

O interesse por esta investigação surge da percepção de uma lacuna: embora exista um acervo significativo de obras literárias com tais temáticas, sua utilização como ferramenta intencional para discutir cultura, sociedade e os modos de ser da comunidade amazônica junto a crianças de 4 e 5 anos ainda é um campo pouco explorado nas práticas pedagógicas e na pesquisa acadêmica. Muitas vezes, o eixo *Natureza e Sociedade* na

Educação Infantil restringe-se a uma abordagem funcionalista dos fenômenos naturais, negligenciando seu entrelaçamento com as dimensões culturais, políticas e econômicas que conformam a realidade infantil.

Diante disso, este estudo tem como objetivo *geral analisar a presença e as potencialidades de livros de literatura infantil que tratam sobre natureza e sociedade em escolas municipais de Educação Infantil, para crianças de 4 e 5 anos*. Como objetivos específicos, propõem-se: a) identificar os livros literários utilizados nessa etapa que abordam elementos sobre natureza e sociedade; b) analisar como os contos e as narrativas imagéticas presentes nessas obras atuam na valorização da cultura regional e na produção de identidades infantis amazônidas;

Nesse sentido, selecionamos cinco obras de literatura infantil, que auxiliam a pensar o contexto de natureza e sociedade, mais especificamente voltadas à perspectiva dos modos de ser amazônidas a partir das lendas folclóricas da região: *A Onça*, de Daniel Munduruku; *O Canto do Uirapuru*, de Tiago Hakiy; *A Lenda da Vitória-Régia*, de Ana Maria Machado; além de *Histórias de Bichos da Amazônia*, de Ana Maria Souza Peixoto, e *Os Animais do Meu Quintal*, de Ana Peixoto. Vale lembrar que todos os livros selecionados fazem parte do acervo de três escolas Municipais de Educação Infantil de Manaus, Amazonas.

Esta pesquisa configura-se como um estudo de natureza qualitativa, seguindo os preceitos da abordagem metodológica proposta por Rey (2005). Compreendemos a pesquisa qualitativa não como um protocolo rígido, mas como um processo dinâmico e permanente. Nesta perspectiva, as decisões e opções metodológicas são constantemente definidas e redefinidas ao longo do próprio processo investigativo. Essa flexibilidade permite que a representação teórica sobre o modelo em desenvolvimento se enriqueça de forma contínua. É esta representação teórica, em constante evolução, que guia os diferentes momentos da pesquisa e define a necessidade de introduzir novos instrumentos e estratégias, respondendo às ideias e novos fatos que emergem durante a construção do modelo teórico.

O objeto de estudo central são os livros de literatura infantil, entendidos como artefatos culturais profundos que veiculam visões de mundo, valores e representações. A análise minuciosa dessas obras permite compreender como a prática educacional pode ser aplicada de forma mais significativa e crítica, criando pontes de empatia que nos permitem, enquanto educadores, aproximarmo-nos da experiência sensível da criança e *sentir o que elas sentem* ao interagirem com as narrativas e imagens apresentadas.

O objetivo final desta análise foi produzir um protocolo avaliativo crítico que possa auxiliar educadores e educadoras na seleção e utilização de livros infantis que não apenas abordem a temática Natureza e Sociedade, mas que o façam de forma ética, estética, politicamente engajada e decolonial, valorizando a Amazônia em sua complexidade e diversidade.

DEBATES SOBRE LITERATURA, IDENTIDADE E DIFERENÇA NA PRODUÇÃO IMAGÉTICA DAS CRIANÇAS

A literatura infantil como mecanismo de produção discursiva de práticas pedagógicas, no contexto de formação identitária tem nos tencionado a pensar a sua utilização no contexto de sala de aula, especificamente, na Educação Infantil. Olhar a literatura infantil como prática formativa, têm se iniciado no contexto de discussão das formações identitárias das crianças, suas dinâmicas sociais, políticas, econômicas e ambientais como estratégia didático-pedagógica.

De acordo com perspectivas teóricas contemporâneas, o ambiente educacional é fundamental na formação identitária das crianças. Autores como Fleuri (2006) ressaltam que o processo de ensino e aprendizagem oferece ferramentas variadas que auxiliam a criança em sua jornada de construir quem é. Essa construção, conforme argumenta Hall (2012), é intrinsecamente social e cultural. Dessa forma, a identidade de um indivíduo é profundamente influenciada pelo contexto social e cultural no qual está inserido, gerando significados e maneiras distintas de ocupar os espaços sociais. Mesmo ao compartilhar um mesmo ambiente, as relações entre os indivíduos serão sempre únicas, pois cada um carrega consigo modos de ser específicos, resultando em múltiplas identidades que emergem dessas interações.

Dentro do espaço escolar, a literatura infantil se consolida como um recurso pedagógico de extrema relevância, uma vez que está integralmente inserida no contexto vivido pelas crianças. Por meio das histórias, os pequenos, ao compartilharem experiências coletivas, deparam-se com narrativas que refletem e questionam as complexidades do mundo. Esse encontro permite que elas participem ativamente do processo de constituição de suas identidades.

Diante disso, é fundamental compreender como a sociedade enxerga as infâncias. Sarmiento (2007, p. 23) “concebe as culturas infantis como um conjunto de práticas que surgem da interação tanto com o mundo quanto com os outros indivíduos – sejam outras crianças ou adultos.” O autor defende que a criança está enraizada na sociedade global

como um sujeito histórico, dotado de características próprias e com direito à participação social. Ele ainda enfatiza a ação concreta de cada criança, que, dentro de suas condições sociais, se constitui como um ator social, realizando cotidianamente uma espécie de *colagem* ou *bricolagem* para reinterpretar e dar continuidade às suas raízes culturais no seu dia a dia.

Woodward (2012, p. 33) complementa essa visão ao afirmar que “[...] as identidades são diversas e cambiantes tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições”. Essa perspectiva nos leva a refletir sobre questões cruciais: que significados são atribuídos às crianças na Educação Infantil em relação aos seus lugares sociais?

De que maneira eles nos produzem como sociedade e como nós, por sua vez, somos posicionados por meio das representações culturais, especialmente aquelas que abordam a natureza e a sociedade? Por fim, como a literatura infantil pode mediar as tensões que emergem quando as crianças começam a perceber os elementos sociais, culturais, econômicos e ambientais que compõem a sua realidade?

A percepção dos educadores sobre o ensino de temas ligados à natureza e sociedade para crianças de 4 e 5 anos na Educação Infantil é um tema que ainda ocupa um espaço marginal nos currículos de formação inicial e continuada de professores. Ao analisar o lugar da literatura infantil nessa etapa, nota-se que a área de estudos da infância também não tem dedicado atenção suficiente à forma como as práticas pedagógicas podem, de modo intencional, criar ambientes coletivos de aprendizagem que utilizem essas discussões como uma estratégia didático-pedagógica.

No meio acadêmico, a abordagem sobre natureza e sociedade frequentemente se restringe a enfatizar o desenvolvimento da curiosidade epistêmica na criança. Paralelamente, as pesquisas sobre infâncias pouco exploram como as narrativas da literatura infantil podem atuar como uma ferramenta de mediação, negociando a produção de conhecimento com a diversidade de experiências infantis. Na prática, os ambientes da Educação Infantil se organizam a partir de contextos formativos variados, que dialogam com os campos de experiência propostos pela Base Nacional Comum Curricular e Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil (DCNEI). Esses contextos estão intrinsecamente ligados à produção de identidades e alteridades (Skliar, 2003), bem como aos modos de aprendizagem que ocorrem entre as crianças e entre elas e seus professores. No âmbito das políticas curriculares, o eixo "Natureza e Sociedade", que fundamenta o

ensino de Ciências na primeira infância, tem se afastado de uma perspectiva que contemple as demandas sociais de forma a promover interações afetivas e sensíveis, partindo de experiências geopolíticas como um direito de aprendizagem.

Desse modo, o potencial de analisar dinâmicas sociais, políticas e econômicas, assim como de empregar a temática ambiental para estimular a curiosidade infantil, tem sido amplamente negligenciado no cenário educacional. Tiriba (2023) atribui essa lacuna à exclusão da criança de sua posição central no próprio processo de aprendizagem e esse afastamento se acentua ainda mais pela desconsideração daquilo que a criança produz enquanto manifestação do seu modo único de ser e de interagir com os elementos culturais de seu contexto regional.

Nesse ponto, é válido retomar as reflexões de Skliar (2003) acerca da *mesmidade* e da *outridade*. O autor propõe que ir além do simples reconhecimento do outro – seja o diferente ou a nós mesmos como outro – é fundamental. É necessário superar uma visão que associa o outro à origem de todo mal. Trata-se, na verdade, de encontrar o outro como um sujeito que também habita este mundo e que, por meio de sua diferença, confirma e enriquece a minha própria existência.

Duschatzky e Skliar identificam essa demonização do outro como uma construção da modernidade, definindo-a como “[...] estratégias de regulação da alteridade e de controle da alteridade que, só em princípio, podem parecer sutis variações dentro de uma mesma narrativa”. Entre essas estratégias, os autores destacam “[...] sua transformação em sujeito ausente, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura, a delimitação e limitação de suas perturbações, sua invenção para que dependa das traduções oficiais” (Duschatzky; Skliar, 2001, p. 121).

As crianças constroem sua relação com o mundo a partir das culturas presentes em seus espaços de vida, que abrangem desde aldeias e comunidades rurais até centros urbanos. Nesses contextos, elas utilizam diversos elementos culturais impregnados de significados e representações sociais.

Na primeira infância, as crianças se encontram em um contínuo processo de descoberta e construção de conhecimentos, mobilizando sua curiosidade para compreender as transformações naturais, os seres vivos, a alimentação e seu próprio desenvolvimento corporal. As narrativas infantis surgem como ferramentas fundamentais nessa fase, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo ao despertar a imaginação e a curiosidade – capacidades essenciais para a aprendizagem

Antes mesmo da alfabetização formal, a criança já observa e atribui sentido ao mundo à sua volta, processo que só se efetiva dentro de um repertório cultural específico. As histórias infantis ampliam não apenas o vocabulário e a capacidade interpretativa, mas também favorecem a compreensão das dinâmicas socioculturais. Como observa Abramovich (1995), a literatura infantil funciona como uma janela para o mundo, possibilitando às crianças interpretar e ressignificar suas experiências de maneira significativa.

Considerando essa predisposição investigativa da primeira infância, o processo educativo deve valorizar e conectar-se aos saberes que a criança traz de suas vivências. Estimular a pesquisa, a reflexão e o questionamento infantil contribuem para a construção de conhecimentos nos diversos campos de experiência, com a criança assumindo um papel ativo nesse processo.

O trabalho pedagógico, portanto, deve dialogar com esse impulso natural de exploração infantil, que constitui a base para a iniciação científica. A Educação Infantil oferece condições privilegiadas para cultivar a prática discursiva, uma vez que a curiosidade infantil, como destaca Lopes (2021, p. 4) "[...] instiga e indaga os elementos que existem no mundo". Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998) orienta que os conteúdos de ciências nesta etapa devem integrar conceitos, fatos e princípios com valores, atitudes e normas.

Assim, o currículo deve ser estruturado como um conjunto de práticas que visam integrar as vivências e os saberes das crianças aos conhecimentos pertencentes ao patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico com o objetivo de promover o desenvolvimento integral delas. E para isso, existem milhares de instrumentos úteis e válidos para serem aliados ao ensino e aprendizagem de Ciências e um deles é a literatura infantil, presente nas histórias de contos de fadas da maioria das crianças.

De acordo com o Referencial Curricular Amazonense

As crianças ampliam seus conhecimentos explorando o mundo de diferentes maneiras. As instituições de Educação Infantil devem oportunizar às crianças experiências em que diferentes obras da literatura infantil estejam ao seu alcance, e que elas sejam orientadas em como aproveitar o contato com as literaturas (RCA, 2018, p. 113).

O universo da literatura infantil é repleto de narrativas que frequentemente apresentam princesas em sintonia com a natureza e animais dotados de fala, elementos que estimulam a imaginação infantil e transportam os pequenos leitores para dimensões

encantadas. Em outras obras, a própria natureza e os animais assumem o papel de protagonistas, engajando as crianças numa realidade alternativa. No entanto, o potencial educacional desse gênero literário vai além do entretenimento fantástico, podendo servir como ponte para a iniciação científica e como facilitador do ingresso no universo da cultura letrada.

Nessa perspectiva, Delizoicov (2011), importante referência em alfabetização científica, defende que o ensino de ciências deve superar a mera reprodução de conceitos, favorecendo uma compreensão integrada dos fenômenos naturais e sociais desde a educação infantil. Ao associar-se à literatura infantil, esse processo se enriquece, pois a narrativa ficcional, quando contextualizada nas vivências culturais dos alunos, estimula a interpretação e a criatividade. Dessa convergência entre histórias e realidades infantis emergem novas compreensões e significados. Nesse sentido, a narrativa funciona como um organizador cognitivo que transforma conhecimentos abstratos em experiências significativas (BRUNER, 1990).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa abordagem ao preconizar que as crianças devem explorar "[...] a observação, a curiosidade, o questionamento e o encantamento com fenômenos naturais e sociais [...]", promovendo a integração entre saber científico e compreensão ambiental (Brasil, 2017, p. 45). Esse processo ganha especial relevância no contexto amazônico, onde a valorização do ambiente e das tradições culturais no espaço educativo adquire camadas adicionais de significado, dada a riqueza socioambiental da região.

A BNCC também ressalta a necessidade de fortalecer a identidade cultural infantil, reconhecendo as crianças como membros de grupos sociais detentores de saberes ancestrais (Brasil, 2017). As narrativas de origem amazônica, ao retratarem a relação orgânica entre comunidades e floresta, permitem que as crianças não apenas ampliem seu repertório cultural, mas também identifiquem a presença concreta desse contexto em suas vidas familiares e comunitárias

As histórias que retratam elementos da fauna e flora, como o boto-cor-de-rosa, a vitória-régia e até mesmo as lendas indígenas, possibilitam a conexão entre conceitos científicos a práticas culturais, favorecendo um aprendizado que respeita e dialoga com a identidade regional. Por isso, o ensino de ciências não deve ser visto como algo dissociado da realidade cultural, mas sim como um processo de construção de conhecimento que se fundamenta nas experiências e nos valores já estabelecidos pelas crianças em seu convívio social. Quando o ensino de ciências está alinhado com as dimensões culturais e

sociais das crianças, ele deixa de ser uma mera transmissão de informações e conhecimentos prontos.

As rodas de leitura e contação de histórias, são favoráveis a esse processo, pois geram oportunidades para a troca de ideias e experiências.

As rodas de leituras permitem essas interações e participação acerca do que está sendo lido. Comentários e sugestões devem ser considerados para que o (a) professor (a) observe os conhecimentos das crianças e os conheça cada vez mais. Sobretudo, ideias e falas produzidas pelas crianças em decorrência da vida e ações dos personagens são ricas de imaginação e criatividade. O simples ato de motivar a falar e compartilhar o que vive e/ou viveu em algum momento da vida, pode fornecer possibilidades para ser utilizado em sala de aula.

Nesse contexto, o professor atua então como um mediador que amplia as possibilidades de aprendizado da criança fazendo do ambiente cultural uma ferramenta essencial no desenvolvimento infantil. Assim, o professor da educação infantil ao assumir a responsabilidade de incorporar elementos culturais regionais ao ensino de ciências, contribui também para estabelecer o vínculo das crianças com a sua própria cultura.

LIVROS LITERÁRIOS NA PRODUÇÃO DE MODOS DE SER CRIANÇA AMAZÔNIDA

No que se refere ao contexto amazônico, as narrativas literárias trazem, em sua maioria, relatos de tradições orais vivenciados por povos tradicionais e ribeirinhos em que são citados animais de água doce como o boto-cor-de-rosa e o peixe-boi, aves como a coruja e o Uirapuru, plantas como a Vitória-Régia e o Tamba-Tajá, a planta que simboliza todo o amor que floresce na Amazônia. São lendas e contos tradicionais que falam sobre a relação das comunidades com o meio ambiente. Mitozo, Nogueira e Rocha (2023, p.1), afirmam que:

Embora o ambiente escolar deva promover valores culturais e étnicos e respeitar as diferentes manifestações culturais, o que tem sido observado é a supressão silenciosa e talvez até inconsciente da cultura amazônica, o que impede as crianças de reconhecerem sua cultura na realidade escolar (Mitozo; Nogueira; Rocha, 2023, p.1).

Nesse mesmo estudo, as autoras afirmam que muitos estudantes desconhecem a existência dos povos originários, as influências culturais e sua importância na formação do povo brasileiro. É um relato preocupante quando se sabe que um dos direitos de aprendizagem na Educação Infantil é o de Conhecer-se nas interações e construir uma

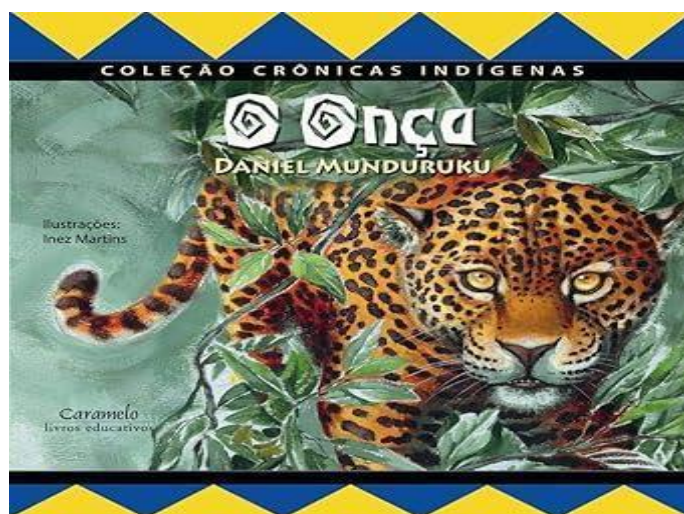
identidade pessoal e cultural. Portanto, urge que os conhecimentos inerentes às ciências no contexto amazônico sejam incluídos no cotidiano na escola, nas salas de referência e no seu fazer das crianças.

A literatura infantil possui um acervo de obras um repertório de obras que preservam a cultura amazônica e se configuram como ferramentas pedagógicas para o ensino de ciências nesse contexto. Narrativas como *A Onça* de Daniel Munduruku, apresentam elementos da fauna e flora amazônicas e abordam personagens do folclore regional, como o *Curupira*, guardião das florestas. Conforme a BNCC, é fundamental que as crianças desenvolvam a percepção de seu lugar no mundo e a importância da preservação do meio ambiente, uma vez que de acordo com a terceira competência geral “[...] o conhecimento das diferentes formas de vida e da interação entre elas é essencial para a construção da consciência ecológica” (Brasil, 2017). Assim, a obra mencionada se configura como um recurso ideal para explorar conceitos científicos relacionados às características dos animais, seu *habitat* e comportamentos.

O livro *A Onça*, de Daniel Munduruku, permite uma análise sobre a relação entre sociedade e natureza, especialmente à luz das cosmovisões indígenas. Na obra, a onça é retratada como um símbolo de força e poder da fauna amazônica, refletindo numa relação complexa e interdependente entre os seres humanos e o ambiente natural. Os personagens e enredos não apenas destacam a biodiversidade e a riqueza simbólica da floresta amazônica, mas também nos convidam a refletir sobre como a sociedade tem produzido modos de ser a partir do modo como interpreta, representa e se relaciona com o mundo natural.

A presença da onça na narrativa reforça essa perspectiva ao retratar o animal como uma criatura que, mesmo poderosa, faz parte de uma cadeia de respeito e interdependência com o ambiente ao redor. No contexto da sociedade indígena, a onça não é um simples animal, mas uma entidade com significados próprios, e que participa da dinâmica da floresta em pé de igualdade com os outros seres. Esse respeito pela onça, comum nas tradições orais indígenas, mostra uma relação entre sociedade e natureza onde os humanos não se colocam como superiores ou donos da terra, mas como partes de um grande sistema interligado.

Figura 1 – Livro: *A Onça*, de Daniel Munduruku



Fonte: Acervo da autora, 2024.

A *Figura 1* representa a capa do livro, onde destaca a onça.

Na perspectiva da educação e da sociedade contemporânea, as obras de Munduruku oferecem uma oportunidade de questionar a visão eurocêntrica, que coloca o ser humano, suas necessidades econômicas e sociais como ponto nodal de seus modos de ser e de lidar com a natureza. A obra, pode auxiliar, no contexto de sala de aula, a produzir tensionamentos voltados às consequências ambientais e sociais desse modo de ver o mundo natural como fonte de enriquecimento. A destruição da floresta, o desequilíbrio ambiental e a extinção de espécies são resultados diretos dessas relações de poder, que subalternizam os saberes e modos de ser e se relacionar dos povos originários com a natureza.

O Onça obra do renomado autor indígena Daniel Munduruku, transcende a categoria de simples narrativa infantil para se constituir como um instrumento de ressignificação cultural. A história, longe de apresentar uma figura animal meramente fantástica, opera uma profunda imersão no universo simbólico e cosmológico indígena. Nela, o animal protagonista não é um ser personificado ou um recurso cômico, mas uma entidade dotada de potência espiritual e ensinamentos filosóficos, representando a força bruta da natureza e seu equilíbrio sagrado.

Munduruku utiliza a narrativa como um veículo para o que podemos chamar de epistemologia indígena, apresentando às crianças uma forma alternativa de conhecer e se relacionar com o mundo natural. *A Onça*, neste contexto, não é um inimigo a ser domesticado ou temido, mas um sujeito com agência, cuja existência é intrinsecamente ligada à floresta e seus ciclos. Esta abordagem desloca a visão antropocêntrica comum na

literatura infantil, propondo uma ecologia de saberes onde o humano não é o centro, mas parte de um todo integrado.

A estrutura da obra se alinha com as premissas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao promover o reconhecimento das culturas indígenas como fundamento da sociedade brasileira. A narrativa proporciona um encantamento que não é apenas lúdico, mas também pedagógico, convidando o leitor a observar e questionar as relações entre os seres a partir de uma lógica comunitária e não-exploratória. É, portanto, um recurso potente para a alfabetização científica crítica, na linha do proposto por Delizoicov (2001), pois contextualiza o conhecimento sobre a fauna e a flora dentro de um sistema de valores e significados culturalmente situados.

Figura 2: Imagens de O Onça



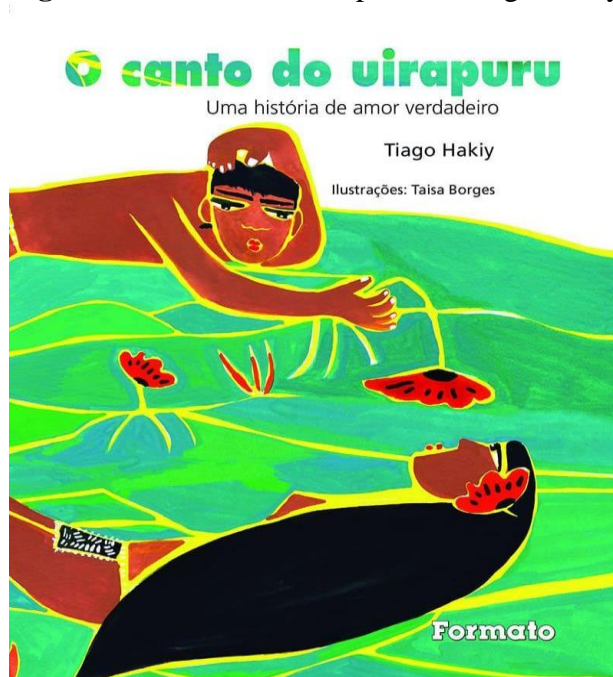
Fonte: Acervo da autora (2024).

Ao entrelaçar a tradição oral Munduruku com o formato literário, o autor realiza uma bricolagem cultural (Skliar, 2003) que valoriza a identidade indígena e a coloca em diálogo com o presente. A história não é uma peça de museu, mas um conhecimento vivo que interpela a criança urbana, ampliando seu repertório sobre a Amazônia e suas gentes. Dessa forma, o livro funciona como uma janela para a compreensão da diversidade sociocultural brasileira, permitindo que crianças de todas as origens se reconheçam como parte de uma teia mais complexa de relações com a natureza (Abramovich, 1995).

O Onça configura-se como uma ferramenta pedagógica ímpar, que articula literatura, ciência e cultura para formar leitores mais críticos e conscientes de sua posição no mundo, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para a construção de uma educação antirracista e pluricultural.

Outra obra significativa é *O canto do Uirapuru: uma história de amor verdadeiro*, de Tiago Hakiy, que explora a lenda do Uirapurú, um pássaro simbólico da Amazônia. Ao abordar a história do pássaro que canta apenas uma vez ao ano, essa narrativa oferece uma oportunidade de introduzir temas como diversidade de espécies, habitat e a importância da preservação das espécies nativas da floresta amazônica.

Figura 3 – O canto do uirapuru de Tiago Hakiy



Fonte: Acervo da autora, (2024).

O Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) enfatiza a importância de experiências que favoreçam a observação e a exploração do mundo

natural, incentivando a curiosidade e o respeito pela biodiversidade. Assim, alinha perfeitamente a esses objetivos, promovendo um entendimento sobre as interações dos seres vivos com o meio ambiente.

A obra literária de Hakyi, representada na *Figura 3*, pode ser explorada ao considerarmos a construção das identidades culturais como um processo de aprendizagem e subjetivação em relação à percepção que as crianças, imersas nesse contexto, têm de si, do outro, e da biodiversidade amazônica. A narrativa do Uirapurú tem nos possibilitado pensar que as identidades são produzidas em interação com e entre fauna e flora, percebendo as ambivalências deste contexto (culturais, sociais e naturais).

A figura do Uirapurú, atua como possibilidade de olhar as múltiplas dimensões da Amazônia brasileira, em especial, o Estado do Amazonas como campo de subversão a partir dos debates e tensionamentos produzidos neste e por estes sujeitos, levantando dinâmicas que dimensionam a maneira como histórias, mitos e lendas atuam na produção de uma identidade ambiental coletiva. Nesse sentido, a narrativa não apenas aponta a importância da biodiversidade, mas também destaca o papel das histórias e mitologias indígenas e locais na construção das identidades regionais e, mais amplamente, de uma consciência ecológica.

Temos pensado, a partir dos debates produzidos, tanto no Grupo de Estudos Pesquisa Pós-Crítico e Decolonial GRUPED, quanto nas reuniões com a equipe do projeto de pesquisa ao qual esse debate está vinculado que a sua simbologia oferecem um caminho para abordagens educativas que promovem o conhecimento local e as cosmovisões dos povos tradicionais da Amazônia.

O uso desse recurso literário tem possibilitado debater como as identidades culturais se constituem a partir do entrelaçamento de saberes e de modos de vida que, frequentemente, são subalternizados dos currículos formais instituídos nas escolas de Educação Infantil. Na perspectiva pós-crítica, reconhecer e valorizar essas histórias é um meio de desconstruir narrativas dominantes e promover uma educação inclusiva, crítica e que respeite a diversidade de experiências e vozes.

Figura 4 – Livro Histórias à brasileira de Ana Maria Machado



Fonte: Acervo da autora, (2024)

O terceiro livro é *A Lenda da Vitória-Régia*, que está presente no volume quatro do livro *Histórias à Brasileira* de Ana Maria Machado, e conta a história de uma cunhã que desejava ter uma estrela e começa a tecer uma escada de cipó para tentar alcançar o céu e após tanto tentar e não conseguir, vê o reflexo da Lua sob o rio e mergulha até as profundezas para pegá-la.

Esta narrativa vai muito além de uma simples transmissão folclórica. Ela se constrói como um rico objeto cultural onde texto e imagem se fundem para explorar profundamente as relações entre a sociedade humana e o mundo natural. A lenda, de origem indígena, que explica a origem da majestosa planta aquática a partir do amor trágico de uma jovem pela Lua, é revitalizada pelas ilustrações que acompanham o volume.

Estas não são meros desenhos, mas elementos narrativos por si só. As imagens, com suas paletas de cores que misturam os tons noturnos do céu, o prateado da luz lunar e os verdes profundos da floresta, criam uma atmosfera de encantamento que é fundamental para a história. Através delas, vemos a transformação da jovem Naiá não como uma morte, mas como uma metamorfose poética, onde seus braços se confundem com as folhas e seu rosto se integra à flor, humanizando a natureza e naturalizando o humano. Esta representação visual reforça a ideia central da lenda: não há uma separação rígida entre a humanidade e o ambiente, mas uma continuidade vital e espiritual.

Esta articulação entre a jovem e a flor, tão bem capturada pelas ilustrações, espelha uma visão de mundo onde a natureza é um ser vivo, consciente e dotado de intencionalidade. A Lua não é um astro distante, mas uma deusa que se comove com a paixão humana. O rio não é apenas um corpo d'água, mas um agente que acolhe e transforma. Nesta cosmovisão, típica de muitos povos originários do Brasil, a sociedade não domina a natureza, mas coexiste e dialoga com ela, integrando-se ao ecossistema de forma respeitosa e reverente.

A própria vitória-régia surge, então, como um símbolo permanente desse diálogo, uma prova física de que os anseios da sociedade (representada pela jovem) podem ser absorvidos e transformados pela natureza em nova beleza e função. Ao recontar esta história e ao embelezá-la com imagens tão significativas, Ana Maria Machado realiza um importante trabalho de mediação cultural.

A leva ao leitor contemporâneo, muitas vezes distanciado de tais realidades, uma narrativa que carrega elementos voltados ao respeito e integração com o meio ambiente. A obra, portanto, adquire uma camada de crítica implícita à visão utilitarista e predatória que caracteriza grande parte da relação moderna com a natureza. A celebração estética da Amazônia e de sua cultura, presente tanto no texto quanto nas ilustrações, atua como uma resistência simbólica, um lembrete do que constitui a essência da identidade brasileira e um convite à reflexão sobre a perda ambiental e cultural em curso.

Essa história se apresenta como outro recurso pedagógico relevante, pois aborda a flor aquática que é símbolo da Amazônia, as origens e os destinos através da articulação sutil entre a palavra e a imagem, uma vez que nos convida a perceber que, assim como Naiá se tornou parte do rio e do céu, nossa sociedade também é parte indissociável do mundo natural.

A lenda, revitalizada, deixa de ser apenas uma história do passado e se transforma em um comentário urgente e poético sobre a necessidade de reencontrarmos nosso lugar no grande ecossistema do qual somos parte. A partir dela, ainda é possível explorar conceitos como os ciclos de vida das plantas, adaptação de espécies e a vida nos ecossistemas aquáticos.

Figura 5 – Cunhã tentando alcançar o céu



Fonte: Acervo da autora (2024)

A *Figura 5*, nesta figura mostra vitória régia apreciando a lua

Oliveira (2020) destaca que o livro infantil é uma porta de entrada para o mundo simbólico, sendo necessário que ele esteja alinhado à faixa etária e ao estágio de desenvolvimento da criança. Neste sentido, a escolha adequada de obras literárias requer atenção à linguagem, à estrutura do texto e aos objetivos pedagógicos.

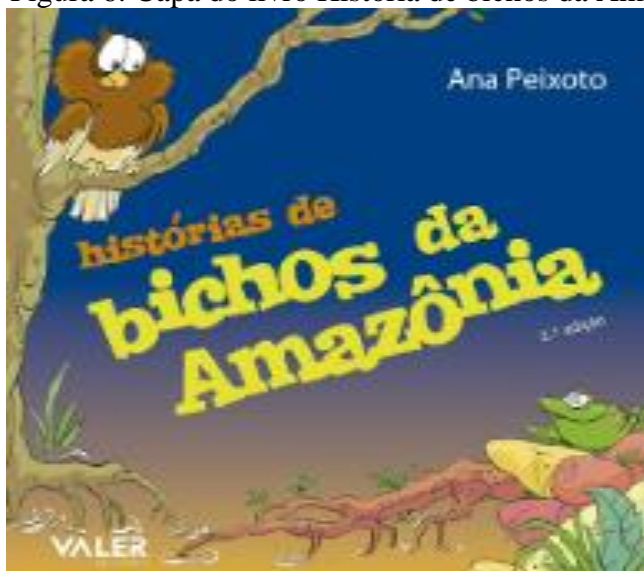
A obra *Histórias de Bichos da Amazônia*, de Ana Maria Souza Peixoto, é uma coletânea de contos ambientados na floresta amazônica, que traz como protagonistas animais típicos da região. A escrita é marcada por textos e falas curtas em cada página, com uma linguagem acessível e uso de expressões orais regionais, o que aproxima o texto do leitor infantil e favorece a curiosidade e a descoberta durante a contação de histórias.

Trata-se do poder transformador da história, pois, por meio dela, é possível acessar diferentes realidades, tempos e comportamentos. A narrativa, nesse sentido, atua dando possibilidade para a compreensão de outras culturas e modos de vida. De acordo com Cavalcanti (2004, p. 11-12), “Torna-se fundamental realçar toda forma de expressão que tem como objetivo ampliar a visão de mundo da criança, resgatando-lhe um sentido de vida, no qual ela possa sentir-se valorizada a buscar outros graus de maturidade espiritual”.

Na obra *Histórias de Bichos da Amazônia*, são citados nomes de alguns animais em tupi-guarani, como *caboré*, do tupi *kawu're*, utilizado para se referir a corujas ou

falcões. O sapo *cururu* também é originário da língua tupi, onde *kuru'ru* é a designação popular dada aos grandes sapos. A presença desses termos enriquece o vocabulário da criança e contribui para a valorização das raízes culturais brasileiras, especialmente as ligadas aos povos originários.

Figura 6: Capa do livro História de bichos da Amazônia



Fonte: Acervo da autora (2024).

Corsino afirma que “[...] o texto literário tem uma função transformadora, pela possibilidade de as crianças viverem a alteridade, experimentarem sentimentos, caminharem em mundos distintos no tempo e no espaço em que vivem” (Corsino, 2010, p. 184). A experiência de uma leitura mais contextualizada e plural permite que a criança entre em contato com a diversidade linguística e cultural presente no Brasil desde cedo, o que é fundamental para a formação da sua identidade.

Em relação ao eixo Natureza e Sociedade, as narrativas apresentam elementos do bioma amazônico, permitindo que a criança reconheça a biodiversidade local, os modos de vida e a relação entre seres humanos e ambiente. Isso favorece o entendimento da interdependência ecológica, social cultural e regional.

Ademais, a utilização de expressões orais e nomes indígenas conecta o leitor com a herança cultural da região, fortalecendo o respeito às tradições e aos povos originários, além de valorizar a diversidade linguística como parte da identidade nacional. Os contos despertam a curiosidade das crianças sobre as espécies animais, seus hábitos e habitats.

A obra pode servir como ponto de partida para atividades investigativas, pesquisas e diálogos sobre ecossistemas, ciência ambiental e conservação.

Ao final do livro *Histórias de Bichos da Amazônia*, o poema “O Bicho-Papão dos Bichos” cita diversas espécies de animais e discute de maneira poética e crítica a interação destrutiva do ser humano com a floresta. Nessa narrativa rimada, o verdadeiro monstro da floresta não é uma criatura imaginária, mas o próprio homem, que promove o desmatamento, a caça predatória e as queimadas, ameaçando o equilíbrio ecológico e o lar dos animais. Trata-se de uma metáfora que possibilita o desenvolvimento da consciência ambiental.

A obra *Histórias de Bichos da Amazônia*, de Ana Peixoto, constrói um painel literário e visual onde a exuberância da floresta e a vida dos animais se entrelaçam profundamente com as narrativas e a existência humana. As ilustrações, fundamentais para a experiência do livro, vão muito além da função decorativa, atuando como uma linguagem paralela que amplifica e ressignifica o texto. Através de cores vibrantes, texturas que evocam a densidade da mata e representações dos bichos que oscilam entre o realista e o encantado, as imagens imergem o leitor no universo amazônico.

Figura 7 - Universo amazônico



Fonte: Acervo da autora (2024)

Esta representação visual, como na Figura 7, não se limita a apresentar a biodiversidade; ela a personaliza, conferindo aos animais — desde o curumim que vira passarinho até o jabuti falante — expressões, emoções e uma presença narrativas que os coloca no mesmo patamar de importância das personagens humanas. Esta escolha estética

estabelece, desde o início, uma relação de proximidade e familiaridade com a fauna, convidando-nos a enxergá-la não como recurso ou pano de fundo, mas como comunidade de seres com os quais partilhamos o mundo.

Figura 8: Relação Natureza e Sociedade



Fonte: Acervo da autora (2024)

Esta personificação dos bichos nas histórias e nas imagens, como a *Figura 8*, reflete uma visão de mundo onde a natureza e a sociedade não são esferas separadas, mas partes de um tecido cultural e ecológico único. As narrativas, muitas delas originárias da tradição oral indígena e cabocla, funcionam como mitos de origem que explicam, por exemplo, as manchas no pelo da onça ou a sabedoria do jabuti, instituindo uma lógica na qual o comportamento animal é inextricavelmente ligado à ação e à moralidade humanas.

A sociedade, neste contexto, é apresentada como integrada ao ecossistema, aprendendo com ele, respeitando suas regras e extraindo dele não apenas sustento material, mas também sabedoria, identidade e sentido. As ilustrações reforçam esta interdependência, mostrando frequentemente os animais e as pessoas em composição harmoniosa, sob a abóbada verde da floresta, que atua como grande protagonista e lar comum.

Ao reunir e recontar estas histórias, Ana Peixoto, com a mediação fundamental das imagens, realiza uma potente atualização cultural. Num momento histórico de acelerada devastação da Amazônia, o livro opera como um ato de resistência afetiva e memória. A celebração da beleza e da complexidade da vida na floresta, tal como capturada nas páginas, confronta silenciosamente a narrativa da exploração predatória. Ele não apenas preserva lendas e causos tradicionais, mas os oferece ao leitor

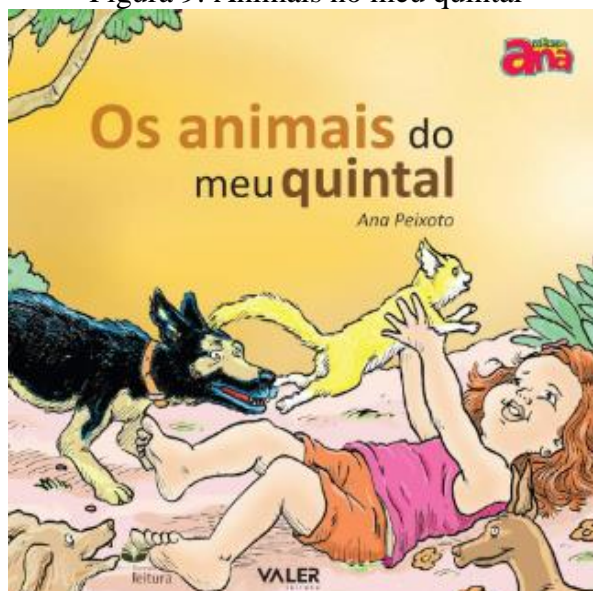
contemporâneo, especialmente ao jovem leitor como um convite ao assombro e à responsabilidade.

A obra, portanto, transcende seu caráter de entretenimento para se tornar um portal de empatia. Através da ficção e da arte, ela nos permite vislumbrar uma ética do convívio, na qual sociedade e natureza, humanos e bichos, coabitam de forma narrativa e simbolicamente equilibrada, lembrando-nos que a proteção daquilo que amamos e conhecemos é sempre mais urgente e significativa.

Ao dar voz aos próprios animais e representar seus medos diante da presença humana, o poema estimula a empatia e o pensamento crítico das crianças, colocando-as diante de uma realidade muitas vezes invisibilizada: os impactos das ações humanas sobre a natureza. Esse recurso poético permite que o leitor/ouvinte se coloque no lugar do outro, promovendo reflexões sobre responsabilidade ambiental, preservação e respeito à vida.

Em *Os Animais do Meu Quintal*, o espaço escolhido pela autora Ana Peixoto não é tão grande quanto a floresta amazônica, mas é do tamanho da imaginação de uma criança e tudo que ela pode criar e observar no maior espaço de convivência que é a sua casa. Com foco no reconhecimento do ambiente próximo da criança, a narrativa constrói uma relação afetiva entre o leitor e os animais do cotidiano, ao mesmo tempo em que convida à observação do entorno e à valorização da vida em todas as suas formas.

Figura 9: Animais no meu quintal



Fonte: Acervo da autora (2024)

Na Figura 9, a linguagem utilizada é acessível, marcada por frases curtas, repetitivas e organizadas de forma acumulativa. Esse recurso textual favorece a previsibilidade e a memorização, elementos importantes no processo de aquisição da

linguagem escrita. Segundo Soares (2003), textos com estruturas previsíveis contribuem para o desenvolvimento da consciência fonológica, da fluência leitora e da compreensão textual em crianças que estão em processo de alfabetização. A organização rítmica da narrativa permite ainda que o texto seja explorado em atividades de leitura em voz alta, rodas de leitura e musicalizações.

As ilustrações, embora simples, cumprem sua função de apoio ao texto verbal, favorecendo a associação entre palavra e imagem, fundamental na construção do significado para as crianças que estão no processo inicial de alfabetização. As imagens são coloridas, claras e representam fielmente os animais mencionados no texto, como cachorro, galinha, sapo e borboleta, estabelecendo uma conexão direta entre o mundo real da criança e o universo representado na obra.

É possível perceber como a autora constrói uma narrativa que valoriza o microcosmo da vida cotidiana, articulando de forma sensível as relações entre as imagens, a natureza e a sociedade. Diferente de obras que exploram a grandiosidade da Amazônia, aqui o foco se volta para o ambiente doméstico, tornando-o um universo de descobertas. As ilustrações, geralmente carregadas de cores suaves e traços que mesclam realismo e ternura, desempenham um papel fundamental nesse processo.

Figura 10 - Relação criança, natureza e sociedade



Fonte: Acervo da autora (2024).

A *Figura 10*, amplia o olhar sobre o quintal, transformando-o em um palco de vida silvestre onde um simples passeio de formigas, o canto de um sabiá ou a visita de um lagarto se tornam eventos dignos de admiração. As imagens não apenas retratam os animais, mas humanizam sua presença, conferindo-lhes expressões e situações que os aproximam afetivamente do leitor, especialmente do infantil.

Essa representação visual estabelece uma ponte entre o mundo humano e o natural, mostrando que a natureza não está confinada a espaços distantes ou exóticos, mas coexiste conosco no dia a dia, mesmo em contextos urbanos. O quintal, assim, deixa de ser um mero prolongamento da casa e se transforma em um território de encontro, um ecossistema em miniatura onde as vidas humanas e animais se entrelaçam de modo pacífico e curiosamente ordenado.

Através dessa perspectiva, Ana Peixoto sugere que a sociedade não precisa dominar ou afastar a natureza para se organizar; pelo contrário, é possível habitarem juntas, em uma relação de mutualidade e respeito. As ilustrações reforçam essa ideia ao mostrar os bichos em harmonia com os elementos do cotidiano — uma joaninha subindo em uma cadeira, pássaros bebendo água em um pratinho —, criando cenas que simbolizam uma convivência possível e desejável.

A obra, portanto, carrega uma dimensão educativa e afetiva profundamente ligada à formação de uma consciência ecológica. Ao elevar os animais do quintal à categoria de personagens com histórias e singularidades, a autora incentiva o leitor a observar e valorizar os seres vivos que compartilham seu espaço vital, muitos deles frequentemente ignorados ou mesmo repelidos. Esse exercício de olhar apurado, incentivado tanto pelo texto quanto pelas imagens, é um primeiro passo para o desenvolvimento de uma ética do cuidado e da pertença. O quintal torna-se, então, uma metáfora do planeta: um espaço limitado e compartilhado, onde cada gesto de atenção — como colocar água para os pássaros ou não perturbar os insetos — reflete um compromisso com a vida em comunidade, seja ela humana ou não humana.

Dessa forma, “Os Animais do Meu Quintal” ultrapassa a simples descrição lúdica para se tornar uma reflexão delicada sobre nosso lugar no mundo. Através da combinação de narrativas acessíveis e imagens que celebram a beleza do comum, Ana Maria Machado nos convida a redescobrir o extraordinário que habita o ordinário. Ela mostra que a preservação ambiental pode começar literalmente em nosso próprio quintal, e que a sociedade só se constrói de forma plena quando reconhece e acolhe a natureza como parte integrante de sua própria casa.

A valorização do ambiente doméstico e familiar é um ponto de destaque, pois ao trazer como cenário o quintal, a obra aproxima-se da realidade da criança e contribui para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento, cuidado e responsabilidade com os seres vivos que compartilham seu espaço. A criança, ao reconhecer nos livros elementos que fazem parte de sua realidade, cria vínculos significativos com a leitura,

compreendendo que os textos também podem falar sobre ela e seu mundo. Essa identificação favorece a construção do conhecimento a partir da experiência, além de incentivar atitudes de cuidado com o meio ambiente e com os animais.

Em *Natureza e Sociedade* o livro possibilita a observação direta do cotidiano, incentivando a criança a identificar no seu próprio quintal ou no espaço em que vive os animais e plantas que fazem parte da sua convivência. Essa abordagem favorece a noção de pertencimento ao ambiente e desperta a consciência para a importância de cuidar da natureza próxima. E no meio Cultural e Regional a narrativa resgata elementos da vida cotidiana brasileira, especialmente em contextos rurais ou urbanos onde o quintal é espaço de convivência e brincadeira. Ao valorizar esse ambiente, a obra reforça práticas culturais regionais, como o contato direto com animais domésticos, hortas e jardins, que fazem parte da memória coletiva de muitas famílias.

A identificação dos animais e suas características favorece o desenvolvimento da curiosidade científica. O livro pode servir de ponto de partida para atividades de investigação, como observação dos seres vivos, registro em desenhos e pequenas pesquisas sobre hábitos alimentares, ciclos de vida e relações ecológicas. Assim, estimula a criança a pensar de forma crítica e investigativa, aproximando a literatura infantil da prática científica.

Percebe-se que ambas as obras trabalham com o tema da natureza, mas com propostas e níveis de complexidade distintos. *Histórias de Bichos da Amazônia* aposta em uma linguagem mais literária e narrativa, estimulando a imaginação e a reflexão, enquanto *Os Animais do Meu Quintal* foca na observação e na identificação do mundo ao redor da criança, em uma abordagem mais concreta e descritiva. Essa diversidade de propostas está em sintonia com o que defendem autores como Lajolo e Zilberman (1985), ao afirmarem que o contato com diferentes gêneros e formas literárias amplia a competência leitora e crítica da criança.

Essa complementaridade entre as obras demonstra a importância de oferecer às crianças um repertório literário variado, que contempla tanto textos mais simbólicos e interpretativos quanto produções que dialoguem diretamente com suas vivências concretas. As obras analisadas contribuem para o desenvolvimento de diferentes dimensões do pensamento infantil, desde a capacidade de abstração até a observação detalhada do cotidiano.

Dessa forma, o trabalho com ambas as propostas permite ao educador explorar múltiplas competências, como a sensibilidade estética, a construção de valores e o

desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita, favorecendo uma abordagem integral e significativa da literatura no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura regional consolida-se como um pilar fundamental na construção das identidades infantis, funcionando como um espelho cultural que reflete e, ao mesmo tempo, modela a percepção que a criança desenvolve sobre si mesma e seu lugar no mundo. Obras como *A Onça e o Curupira*, de Daniel Munduruku, e *A Lenda da Vitória-Régia*, de Ana Maria Machado, transcendem em muito a função de entretenimento.

Elas operam como verdadeiras portas de entrada para universos simbólicos ricos e complexos, onde mitos, saberes tradicionais e a profunda interação com o meio ambiente se entrelaçam para transmitir visões de mundo específicas. Ao apresentar narrativas que emergem do solo cultural e da biodiversidade brasileiras, essas obras permitem que a criança reconheça a si própria e à sua comunidade como parte de uma história maior e plural, fomentando um sentimento de pertencimento que é, ao mesmo tempo, local e nacional.

Essa imersão em narrativas regionalizadas oferece um contraponto essencial ao fluxo massivo de conteúdos homogeneizantes. Ao se depararem com personagens como o Curupira, guardião da floresta, ou com a transformação poética de Naiá na vitória-régia, as crianças são convidadas a enxergar o mundo a partir de lentes alternativas.

Essas histórias carregam em sua essência valores de respeito à natureza, de coletividade e de uma relação não predatória com o ambiente, funcionando como um antídoto contra a desvalorização do patrimônio cultural e natural. Elas não apenas informam, mas formam, cultivando uma sensibilidade ética e estética que é crucial para a formação de cidadãos conscientes e críticos.

A literatura regional enriquece qualitativamente o imaginário infantil, reforçando a noção de que as identidades não são dadas, únicas ou estáticas. Pelo contrário, elas são dinâmicas e tecidas na própria linguagem, nas histórias que ouvimos, nos lugares que habitamos e nas tradições que herdamos.

Ao fornecer às crianças narrativas que honram a diversidade de modos de ser e viver, essa literatura não só amplia seu repertório cultural, mas também lhes confere as ferramentas simbólicas para se compreenderem como agentes em um mundo multicultural. Dessa forma, ela cumpre um duplo e vital papel: o de preservar e revitalizar

a memória cultural de um povo, e o de empoderar as novas gerações para que construam, com base no respeito à diferença e à natureza, identidades mais plurais, inclusivas e profundamente enraizadas no solo de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEF, 2017.
- CAVALCANTI, J. Caminhos da literatura Infantil e juvenil. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2004.
- CORSINO, P. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: PAIVA, A; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coord.). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)
- DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André Peres; PERNAMBUCO, Marta Maria. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- DUSCHATZKY, Silvia. SKLIAR, Carlos. O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação. In: BONDIA, Jorge Larrosa, SKLIAR, Carlos (orgs.). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FLEURI, Reinaldo Matias. SOUZA, Maria Izabel Porto de. Intercultura e Educação. Revista Educação & Realidade. Mai/ago. 2006, nº 23 p.16-35. Disponível em: Acesso em:
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da, Et all (orgs) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história & histórias. São Paulo: Ática, 1985.
- MITOZO, Deborah Cecilia Rodrigues Guerra *et al.*. A diversidade cultural em escolas da região amazônica: relatos de experiência do programa de residência pedagógica. Anais IX CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/96495>>. Acesso em: 20/10/2024
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- OLIVEIRA, F. R. A literatura infantil: história, teoria, análise (1981), de Nelly Novaes Coelho: um discurso de fronteira. In: MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986).

Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 207-240. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p207-240>.

SANTOS, J. D. dos; ALVES, R.A.; PEREIRA, V. da C.N. Explorando experiências na educação em ciências e matemática: Diálogos em um curso de pedagogia. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 19, n. esp. 2, e024068, 2024. e-ISSN: 1982-5587. Disponível em: <<https://doi.org/10.21723/riaee.v19iesp.2.18514>>

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES (org) *Produzindo pedagogias interculturais na infância*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SCHWENGBER, Maria Simone. A análise de imagens é a ferramenta metodológica MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença, e se o outro não estivesse aí?*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.

TIRIBA, Lea. *Educação infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas. Populares e libertárias*. São Paulo: Paz e Terra, 2023.